



Questões sobre o método etnográfico: um convite para reflexões

Issues about the ethnographic method: an invitation for reflections

Miguel Archanjo de Freitas Junior, Edilson de Oliveira e Bruno José Gabriel

Resumo

O presente estudo problematizou e refletiu sobre a descrição densa, o tempo e o envolvimento. Tendo em vista que estas são três categorias fundamentais para quem pretende realizar uma pesquisa etnográfica. Para atingir este objetivo, utilizou-se o procedimento metodológico técnico bibliográfico, pois ele direciona os pesquisadores no levantamento, delimitação e análise de referências significantes acerca das diversas temáticas problematizadas pela ciência. A partir da efetivação do direcionamento metodológico, infere-se que um estudo de caráter etnográfico contempla em seu desenvolvimento, tanto pressupostos metodológicos quanto epistemológicos, os quais devem ser refletidos e compreendidos pelo pesquisador, a fim de justificar suas posições e opções teóricas. Após a análise das três categorias, concluiu-se que elas são variáveis interdependentes, em que o tempo é um elemento significativo, mas que precisa ser visto como algo dinâmico e simbólico, pois há necessidade de relatar os fatos para além das aparências iniciais (descrições densas) e principalmente da forma mais isenta possível, o que não significa acreditar em neutralidade, mas sim na necessidade de objetividade na postura do pesquisador.

Palavras-chave: Etnografia; descrição densa; envolvimento; tempo; método.

Abstract

The present study problematized and reflected on the dense description, time and involvement. Considering that these are three fundamental categories for those who intend to carry out an ethnographic research. In order to reach this objective, the technical methodological bibliographical procedure was used, since it directs the researchers in the gathering, delimitation and analysis of significant references about the different themes problematized by science. It is inferred that a study of ethnographic character contemplates in its development, both methodological and epistemological assumptions, which must be reflected and understood by the researcher, in order to justify their theoretical positions and options. After analyzing the three categories, it was concluded that they are interdependent variables, in which time is a significant element, but must be seen as something dynamic and symbolic, since there is a need to report the facts beyond the initial appearances (dense descriptions) and mainly as free as possible, which does not mean believing in neutrality, but rather in the need for objectivity in the researcher's posture.

Keywords: Ethnography; dense description; involvement; time; method.

1. Introdução

Na área das Ciências Sociais e Humanas, observa-se que inúmeros pesquisadores utilizam o método etnográfico em seus estudos (Mainardes, 2009), instrumento de investigação que tem sua origem na antropologia. Segundo Angrosino (2009), os antropólogos iniciaram os estudos etnográficos no final do século XIX e início do século XX, após um movimento de críticas em torno da forma com que os filósofos sociais realizavam suas “especulações” empíricas.

Para avançar em suas pesquisas os antropólogos entenderam que havia a necessidade de adentrar ao campo de investigação, para buscar a essência das dinâmicas vivenciadas pelos indivíduos coletivamente (Angrosino, 2009). Assim, a etnografia se consolidou como uma atividade ao ar livre e “ao vivo”, exigindo o desenvolvimento de novas técnicas para realização das investigações *in loco*. Nesse sentido, Geertz (2003), Uriarte (2012), Barbosa e Cunha (2006) trazem a figura de Bronislaw Malinowski e de sua obra “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, publicada em 1922, como o marco na estruturação do método etnográfico.

A impossibilidade de Malinowski deixar as Ilhas Trobriand, devido a ocorrência da Primeira Guerra Mundial, aliada às necessidades de aprender a língua nativa e interagir com as práticas cotidianas dos trobriandeses, modificaram completamente os rumos da investigação de Malinowski, uma vez que acabou ficando mais de três anos nos *locus* do estudo (1914-1918). Neste período, o autor acabou organizando o método etnográfico a partir de três princípios: (1) a estruturação genealógica da “tribo”; (2) a vivência entre os nativos e (3) a construção de um retrato completo e adequado da cultura nativa através das interpretações de suas práticas simbólicas. Estas concepções foram essenciais para a compreensão de Malinowski (1978) sobre o “ponto de vista do nativo” e também para perceber a visão do nativo “sobre seu próprio mundo”.

Com o novo método, fomentou-se o debate acerca do desenvolvimento de investigações etnográficas em sociedades familiares e não apenas estudos culturais sobre localidades afastadas, pouco conhecidas e principalmente as desconhecidas. Além do interesse da antropologia social, de tornar o estranho em algo familiar, abre-se espaço para que os etnógrafos modernos realizem o inverso, tornando o familiar e conhecido em algo estranho, ou seja, a problematização de objetos vivenciados cotidianamente, com o objetivo de revelar interfaces desconhecidas ou pouco refletidas, devido ao sentimento de obviedade expresso no senso comum (Mainardes, 2009).

Ao observar este longo processo de desenvolvimento da etnografia e seu cenário contemporâneo, Uriarte (2012) reconheceu amplo interesse pela pesquisa etnográfica por diversas áreas de conhecimento. Entretanto, estabeleceu críticas quanto à sua utilização sem um aprofundamento nas dimensões metodológicas e principalmente epistemológicas que envolvem a antropologia em suas ramificações.

Neste viés, Boumard (1999) defendeu a necessidade de distinguir de imediato a etnografia entendida como método, da etnografia entendida como postura. Segundo o autor a etnografia pode ser considerada um método quando é utilizado como uma técnica de investigação. No entanto, indica que somente a partir de uma leitura sócio-interacionista é que o pesquisador poderá atingir o seu objetivo. Visto que o etnógrafo insere-se nos contextos, nas situações cotidianas, nas perspectivas, nas práticas culturais e sociais do grupo estudado. Diante disto, Boumard (1999) alerta que é essencial as investigações no campo, sejam pautadas por uma dimensão teórica, que transpõe a noção da etnografia apenas como técnica.

Referindo-se a necessidade de diálogo entre os aspectos práticos (técnicas de coleta de dados) de uma investigação e seu embasamento teórico e epistemológico, DaMatta (1987) salienta que só é possível enxergar aquilo que se está preparado para ver. Deste modo, é possível afirmar que o olhar do pesquisador se desenvolve somente quando ele se encontra familiarizado com as diversas teorias antropológicas e suas correntes, podendo estabelecer a partir delas diferentes formas de “ver” a realidade.

Diante da importância adquirida pela etnografia para a realização de estudos contemporâneos e das tensões presentes em torno de seu uso nas mais diferentes áreas do conhecimento. Este *paper* buscou problematizar e refletir acerca da descrição densa, do tempo e

do envolvimento, categorias estas fundamentais para quem pretende realizar um estudo etnográfico.

O esforço na estruturação do texto e proposição do debate acerca das categorias selecionadas, justifica-se pela grande adesão do método etnográfico por pesquisadores de outras áreas do conhecimento, para além da antropologia, como apontam as pesquisas de Alvarado e Iñiguez-Rueda (2009), Nakamura (2011), Oliva (2014), Oliveira e Daolio (2007) e Souza (2014). Uma vez que a interdisciplinaridade nas investigações apresenta-se como um dos caminhos contemporâneos da ciência, tornam-se essenciais esclarecimentos sobre o método, pois as palavras “fazer etnografia” ou “etnografar” por exemplo, carregam consigo sentidos e significados teóricos próprios da antropologia, fundamentais para a epistemologia da pesquisa, mas desconhecidos ou desconsiderados muitas vezes por pesquisadores iniciantes.

2. Delineamento metodológico

Do ponto de vista de sua natureza, realizou-se uma pesquisa aplicada, que apresenta como característica primordial a intencionalidade de utilização prática dos conhecimentos abordados em torno de problemas específicos levantados. A abordagem do problema deu-se pelo viés qualitativo, o qual caracteriza-se pela centralidade na compreensão detalhada dos significados e características apresentadas pelo fenômeno. De acordo com Gil (2008), as pesquisas de caráter qualitativo, apresentam como um dos principais pressupostos as formas descritivas.

Nesse sentido, quanto aos objetivos do estudo encontrou-se aporte na pesquisa descritiva, a qual volta-se para a descrição e exploração das particularidades do fenômeno. Nesta seara a delimitação técnica dos procedimentos é fundamental, para tanto realizou-se uma pesquisa bibliográfica, pois ela direciona os pesquisadores no levantamento, na delimitação e na análise de referências significantes acerca das diversas temáticas problematizadas pela ciência. Para Gil (2002) uma das maiores vantagens deste tipo de estudo, está na possibilidade de abranger em sua análise, através de livros, artigos científicos, dissertações, tese e outros, a cobertura de uma série de fenômenos, inviáveis de serem investigados diretamente.

Partindo destes pressupostos, após levantar o material bibliográfico optou-se por delimitar a sua análise em função da significância dos autores. Deste modo, encontrou-se aporte referencial em obras e autores clássicos da literatura antropológica, como Malinowski (1978), Geertz (2003; 2008; 2010) e DaMatta (1987) e da literatura sociológica como Wacquant (2002). Além destes, identificou-se também os trabalhos desenvolvidos por Boumard (1999), Magnani (2002), Barbosa e Cunha (2006), Angrosino (2009), Mainardes (2009) e Uriarte (2012), os quais desenvolveram pesquisas de cunho metodológico/epistemológico sobre a etnografia em uma perspectiva interdisciplinar e tiveram nos autores clássicos supra citados os pilares teóricos de sustentação dos seus estudos. Além dos clássicos, os estudos de Boumard (1999), Angrosino (2009) e Mainardes (2009) foram utilizados de forma mais efetiva, porque os autores trataram dos conceitos chaves que foram definidos para serem analisados pelo presente estudo.

Neste processo metodológico de construção da pesquisa, seguiram-se as etapas descritas por Gil (2002). São elas: a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assunto; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; e i) redação do texto.

Efetivadas as oito etapas metodológicas precedentes, estruturou-se a redação do texto nos seguintes tópicos: por uma descrição “densa”; o tempo como fator determinante de um estudo etnográfico; cuidados quanto à aproximação e ao distanciamento e considerações finais.

3. Por uma descrição “densa”

O que se faz em etnografia dentre outros procedimentos para a coleta de dados, é a estruturação de mapas, sensos do campo, construção de genealogias, realização de entrevistas, rompimento do estranhamento e principalmente a descrição das observações em um diário de campo, não simples anotações, mas descrições “densas”.

Para apresentar e verticalizar esta noção Geertz (2008) apoia-se na perspectiva de Gilbert Ryle,¹ a qual se contrapõe à definição de descrição superficial. Neste sentido, verifica-se que uma descrição superficial contemplaria apenas os elementos visíveis, as dinâmicas e lógicas de funcionamento do espaço social que qualquer forasteiro seria capaz de observar e apontar sobre o grupo nativo.

Não obstante, se a intenção do pesquisador é trabalhar com a etnografia estes elementos introdutórios para a compreensão do grupo devem ser superados. É o que demonstra Geertz (2008) ao utilizar um exemplo clássico apresentado originalmente em 1971 por Gilbert Ryle (2009), quando este relata que dois meninos estão piscando rapidamente o olho direito, tal atitude pode ter inúmeras motivações distintas. Para um pode ser um tique involuntário e para outro pode ser uma piscadela conspiratória em relação ao primeiro. Uma descrição superficial revelaria que naquele ambiente há dois meninos contraindo a pálpebra rapidamente, sem perceber, porém, que há um código estabelecido entre os indivíduos, que diferencia o que é contrair a pálpebra e o que é piscar. Segundo Geertz (2008: 5) este é apenas o princípio, se houvesse um terceiro menino

(...) que, "para divertir maliciosamente seus companheiros", imita o piscar do primeiro garoto de uma forma propositada, grosseira, óbvia, etc. Naturalmente, ele o faz da mesma maneira que o segundo garoto piscou e com o tique nervoso do primeiro: contraindo sua pálpebra direita. Ocorre, porém, que esse garoto não está piscando nem tem um tique nervoso, ele está imitando alguém que, na sua opinião, tenta piscar. Aqui também existe um código socialmente estabelecido (ele irá "piscar" laboriosamente, superobviamente, talvez fazendo uma careta — os artifícios habituais do mímico), e o mesmo ocorre com a mensagem. Só que agora não se trata de uma conspiração, mas de ridicularizar. (...) Pode ir-se mais além: em dúvida sobre sua capacidade de mímica, o imitador pode praticar em casa, diante de um espelho, e nesse caso ele não está com um tique nervoso, nem piscando ou imitando — ele está ensaiando (...). O piscador original poderia, *por exemplo, estar apenas fingindo*, para levar outros a pensarem que havia uma conspiração, quando de fato nada havia, e nesse caso nossas descrições do que o imitador está imitando e o ensaiador ensaiando mudam completamente. (...) este é o objeto da etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos às quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam...

Através das palavras de Geertz (2008) observa-se algumas pistas essenciais para realização de uma investigação etnográfica, como a necessidade de estar sempre alerta e aberto para as inúmeras oportunidades de análise. Ao levantar-se a necessidade do pesquisador perceber as possibilidades de "ir mais além", trazendo para discussão a capacidade mímica, o ensaio ou o fingimento, como elementos que modificariam completamente os significados das ações e das relações sociais, o autor expõe a complexidade da construção de uma descrição densa. Deste modo, um pesquisador que foque excessivamente na descrição do sujeito e sua ação, corre o risco de não compreender os códigos culturais, sociais e/ou as lógicas próprias de funcionamento daquele determinado grupo social.

Para Boumard (1999), esta capacidade de superar a superficialidade das anotações mecânicas exige do investigador um "olho etnográfico", o qual lhe permite compreender a inexistência de clivagens entre o sujeito e o objeto de estudo (embora seja fundamental estabelecer o olhar sempre para o objeto), uma vez que não é simplesmente uma questão de ver, mas sim a "habilidade de olhar", pois no segundo caso pressupõem-se estar em guarda, prestar atenção, interessar-se. (Boumard, 1999: 2).

Trata-se de capturar e interpretar o ponto de vista dos próprios membros do grupo social investigado, não somente através de observações ou de pedidos de explicações sobre suas ações,

¹ Gilbert Ryle (1900-1976) foi um filósofo britânico, reconhecido principalmente devido às críticas estabelecidas ao dualismo cartesiano, para o qual apresentou o conceito de disposição em sua obra "The concept of Mind", de 1949.

mas através da experimentação e vivência destas práticas oriundas de processos históricos, sociais e culturais. Ou seja, a descrição densa é construída a partir do próprio contexto do etnógrafo.

Ainda segundo Boumard (1999), para o desenvolvimento de tal habilidade torna-se fundamental a compreensão do etnógrafo de que os conhecimentos metodológicos e epistemológicos da pesquisa encontram-se imbricados. Pois somente o trabalho que englobe esta percepção conseguirá permanecer na fronteira da produção profana das verdades locais e o reconhecimento arriscado do ponto de vista dos próprios membros.

Neste sentido, ao referir-se ao ofício do etnógrafo, Geertz (2008: 7) salienta que:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato (...) é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (...) Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Mais do que levantamentos superficiais, aleatórios e desconexos, o recurso da etnografia permite a criação de elos de sentido entre os elementos mapeados, o que contribui para o entendimento de sua relevância e pertinência, conferindo uma dimensão analítica ao processo. Como salienta Magnani (2002: 17) uma explicação pelo viés etnográfico baseia-se nos *insights*, que permitem "reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa".

Na etnografia busca-se ler o que não está escrito, no entanto, não deixa de ser menos real devido a sua subjetividade. Pelo contrário, a construção da leitura, das relações simbólicas estudadas no *locus* apresentam lacunas, falhas de sentidos e significados. Pois "as técnicas de campo só ganham sentido a partir da descrição que dele se fizer e a noção de descrição amplia o conceito de etnografia, não mais como um simples método de observação, mas uma metodologia global." (Boumard, 1999: 2).

Diante de todas estas premissas, surge a seguinte questão: - em que momento da investigação apreende-se algo sobre o objeto estudado para além das descrições e narrativas das versões individuais? Esta não é uma resposta simples e objetiva, mas pode-se começar a reflexão compreendendo que não é somente a utilização de um diário que atribui ao estudo um caráter etnográfico. A chave para esta leitura encontra-se nas descrições presentes no diário de campo, as quais não devem cair na rotina de anotações mecânicas, que não contemplem elementos relevantes às reflexões e interpretações.

O aprendizado ocorre quando o pesquisador através da descrição densa, consegue acessar uma gama de "acontecimentos chaves" e "indícios" das lógicas que organizam e simbolizam o *locus* do estudo. De acordo com Mainardes (2009), o pesquisador deve construir seu diário em dois momentos (dentro e fora de campo), registrando *in loco* o que considera relevante, para não correr o risco de ser traído pela memória seletiva e após deixar o local de estudo estruturar suas anotações de modo a aprofundá-las.

Os conceitos de "estar ali" e "estar aqui" descritos por Geertz (2010) dão suporte a fala do autor, permitindo-nos visualizar que a descrição densa, só se constitui após uma série de registros, reflexões, novas descrições, articulações teóricas, novas interpretações, as quais são realizadas dentro e fora do campo. Todo este processo de construção textual, em forma de relatórios parciais de pesquisa são fragmentos que permitirão a realização das "descrições densas". Partindo-se das ideias de Geertz (2008), Angrosino (2009: 32-33) define este procedimento como sendo "a apresentação de detalhes, contextos, emoções e nuances de relacionamento social a fim de evocar o 'sentimento' de uma cena e não apenas seus atributos superficiais".

Para a captação destes elementos dentre as inúmeras possibilidades de procedimentos, destaca-se o diário de campo, pois a memória social é uma das coisas mais movediças que

existem na vida, visto que um indivíduo lembra-se somente daquilo que o motiva e o empolga, descartando os fatos que não apresentam nenhum sentido no momento (DaMatta, 1987).

O autor também chama a atenção para construção de mapas, de censos do *locus* de estudo e ressalta a importância do uso de um gravador. Quanto a outros recursos tecnológicos (câmeras de vídeo e fotográficas) DaMatta (1987: 190) faz questão de enfatizar, que deve-se ter sempre em mente que “há muito tempo para boas fotos e que as melhores monografias antropológicas foram escritas com imaginação e boas teorias, não com fotografias perfeitas”.

Evidentemente que os equipamentos tecnológicos da década de 1980, diferem-se completamente dos aparelhos atuais, no quesito praticidade. Não obstante, se a preocupação não encontra-se mais nos detalhes técnicos dos aparelhos, acredita-se que a facilidade do manuseio destes equipamentos pode despertar no pesquisador o interesse em registrar as interações ou rituais a todo momento, para análises futuras, sem preocupar-se em observá-las e no exato momento em que ocorrem.

Outra questão que foi discutida por Malinowski (1984) e possui significativa relevância no desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica é a questão da neutralidade e honestidade do pesquisador. As questões éticas são fragilidades presentes neste método, pois o etnógrafo ao construir leituras sobre as relações estabelecidas por um determinado grupo social produz conhecimento, o qual deve possuir fidedignidade com a realidade social estudada. Para isto, é fundamental que o pesquisador estabelece uma espécie de acordo tácito, firmado simbolicamente com o seu leitor.

A etnografia, ciência em que o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências, infelizmente nem sempre contou no passado com um grau suficiente deste tipo de generosidade. Muitos de seus autores não utilizam plenamente o recurso da sinceridade metodológica ao manipular os dados e apresentam-os ao leitor como que extraídos do nada (...) Em obras deste tipo não há nenhum capítulo ou parágrafo destinado ao relato das condições sob as quais foram feitas as observações e coletadas as informações. Ao meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, o resultado da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseada em seu próprio bom senso e interação psicológica. (Malinowski 1978: 18)

Buscar esta transparência, ou seja, esta distinção no texto, entre o que foi observado de fato, e as interpretações posteriores, torna-se essencial. Pois deste modo, o etnógrafo localiza os leitores no contexto espacial e temporal da pesquisa, apresentando quais foram os fatores que o levou a realizar tais interpretações. Geertz (2010) concorda com este posicionamento, ao ressaltar que na construção de um bom texto antropológico o autor deve livrar-se de quaisquer pretensões apriorísticas.

O quebra-cabeça ganha forma na medida em que as descrições densas fornecem elementos privilegiados para a reflexão e interpretação desta multiplicidade de códigos históricos, culturais e sociais. Representados no campo, através dos gestos, das afetividades, dos valores morais e éticos dos grupos, dos ritos, dos simbolismos das ações, etc. Sendo este um processo laborioso e complexo, que demanda certo período de inserção *in loco*, a questão que surge é - quanto tempo o pesquisador necessita ficar no campo de investigação?

4. O tempo como fator determinante do estudo etnográfico

Ao debruçar-se sobre a questão do tempo, Elias (1998b) problematiza-o defendendo a concepção de que se deve compreendê-lo como um símbolo socialmente estruturado e reforçado no decorrer do desenvolvimento da humanidade, o qual originou-se devido à “aventura” (no campo da ciência) que os homens lançaram-se ao buscar marcar o tempo e também da necessidade de orientação dos seres humanos.

Segundo Elias (1998b) o tempo não pode ser visto somente como um objeto físico (a água do rio ou uma montanha), como defendia Isaac Newton ao utilizar-se da observação da

regularidade dos fenômenos para identificar o momento de transformação de estado do objeto observado. Nas sociedades primitivas a noção de “tempo” balizava-se por fatores naturais, tais como o amanhecer, o por do sol, ou até mesmo a sensação de fome. Deste modo, ao estruturar-se através de experiências prévias de aprendizagem, tanto dos indivíduos quanto daquelas acumuladas e transmitidas de uma geração para a outra, a compreensão sobre o tempo modifica-se, assim, o que chamou-se de “tempo” no passado difere-se da compreensão que se tem hoje (Elias, 1998b).

Elias (1998b) defende que o conceito tempo representa um parâmetro para a realização das atividades humanas, o qual é estabelecido entre dois ou mais processos, exercendo função de orientação quanto a duração das atividades, mas que em muitos casos necessita de reflexões e tensionamentos quanto às experiências. Não se trata unicamente do “quando” ou “em que período” ira ser feito, mas sim do “como” e “em que condições”. Estas indagações merecem centralidade no processo.

Ao aprofundar o entendimento da relação entre o tempo e a etnografia, estas questões tornam-se ainda mais relevantes, visto que a determinação de uma experiência etnográfica não pode ser aferida através de uma baliza temporal pré estabelecida. No entanto, é fundamental esclarecer que concorda-se com a idéia de que um estudo etnográfico não pode ser considerado “breve”, pois seria assumir o risco de tomar descrições superficiais por densas (Geertz, 2008). Mas diante deste contexto, o que pesquisador pode considerar como um tempo breve ou longo?

O tempo na etnografia não é somente uma questão horizontal e simplesmente demarcatória de meses ou anos no campo, mas principalmente vertical, de submersão e descrições densas. Provavelmente estas “exigências” da necessidade de muitas laudas de descrição e vários anos de permanência no campo, derivem da observação e repetição do modelo criado a partir do estudo clássico de Malinowski (1978) em 1922. Como já destacamos, este pesquisador permaneceu mais de três anos no campo, porém, isto foi decorrente de fatores externos que impossibilitaram o seu retorno. No mesmo sentido, Wacquant (2002: 13) ao apresentar os dados temporais do desenvolvimento da sua pesquisa, relata que iniciou seu “diário etnográfico, sem desconfiar nem um minuto que iria permanecer na academia mais de três anos e que, assim sendo, iria acumular duas mil e trezentas páginas de notas brutas”.

Descrever a quantidade de páginas dos diários, os anos de permanência em campo, o tempo destinado a estes procedimentos, são características essenciais nos delineamentos metodológicos dos estudos. Deste modo, ao observar-se estas informações, o estabelecimento de parâmetros comparativos pode ser uma das possibilidades de produção e reprodução deste paradigma² do tempo.

Ao analisar a obra de Wacquant, percebe-se que a exposição numérica das três mil e trezentas laudas ou dos mais de três anos no campo de estudo, não são as maiores contribuições deste autor e não são estas aporias que validam o seu estudo. O que se pode afirmar é que a investigação longa e trabalhosa, expressa o comprometimento do autor ao submergir na realidade local, apresentando como significante sua aceitação e convivência diária com os boxeadores, evidenciados no próprio título do estudo, de “corpo e alma”.

Considera-se então que “ser aceito” pelo grupo social estudado é um elemento fundamental da investigação (juntamente com a capacidade construir descrições densas), o que influenciará diretamente no tempo em campo e atestará o sucesso ou o fracasso da pesquisa. Por este ângulo, Geertz (2008) expõe no capítulo 9, intitulado “Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa”, suas angústias e posteriormente descobertas, provenientes da quebra deste muro invisível que separa o forasteiro (pesquisador) dos nativos.

De acordo com os relatos de Geertz, em um primeiro momento a presença sua e da esposa foram ignoradas pelos aldeões balineses, como se simplesmente não existissem. Porém após uma briga de galos interrompida pela polícia na qual ambos fogem como os demais, esta percepção sobre quem eles eram altera-se radicalmente. De modo que a aldeia tornou-se um mundo

² Compreende-se paradigma a partir da perspectiva de Kuhn (2011: 13), de acordo com o autor os “paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.

completamente diferente: “Na manhã seguinte [...] Não só deixamos de ser invisíveis, mas éramos agora o centro de todas as atenções, o objeto de um grande extravasamento de calor, interesse e, principalmente, de diversão” (Geertz, 2008: 187).

Anteriormente a este fato, o autor busca demonstrar em seus escritos como ocorre o momento de aceitação dos forasteiros pelos nativos:

Então - num dia, numa semana, num mês (para algumas pessoas esse momento mágico nunca chega) - ele decide, por motivos que eu nunca fui capaz de entender, que você é real e ele se torna então uma pessoa calorosa, alegre, sensível, simpática, embora, sendo balinês, sempre muito controlada. De alguma forma você conseguiu cruzar uma fronteira de sombra moral ou metafísica, e embora não seja considerado exatamente como um balinês (para isso é preciso ter nascido balinês), você é pelo menos visto como ser humano em vez de uma nuvem ou um sopro de vento. (Geertz, 2008: 185-186)

A partir deste excerto, dois aspectos chamam a atenção. Em primeiro lugar a necessidade do envolvimento e respeito às lógicas simbólicas e sociais que regulamentam a convivência dos indivíduos. Em segundo lugar e talvez um elemento mais significativo para que se possa avançar nesta reflexão é o alerta apresentado por Geertz (2008), ao demonstrar que para alguns pesquisadores o momento mágico da aceitação do grupo pode nunca chegar.

Com o objetivo de explorar este aspecto, torna-se fundamental desmistificar o que seria a “magia” deste momento. Não se trata simplesmente do etnógrafo realizar uma loucura pelo ou para o grupo social investigado, digna do reconhecimento e respeito até mesmo do conservador dos nativos. Este processo de aceitabilidade (o ser aceito) decorre da superação de diferentes camadas de envolvimento.

Deste modo, a permanência *no campo* dependerá inicialmente de sua aceitação pelo grupo, a qual é decorrente do rompimento do estranhamento entre forasteiro e nativos, pois somente a partir deste momento torna-se possível o início da construção de descrições densas. Antes disso, a disponibilidade e capacidade de coletar dados, de refleti-los e interpretá-los teoricamente servem para que o pesquisador busque superar o estranhamento e minimamente conhecer um pouco sobre o cotidiano em que está inserido, mas ao qual não pertence.

Cabe destacar que este processo transpõe uma definição dinâmica de tempo, pois ser aceito é algo que pode ocorrer em longo prazo, em médio prazo ou até mesmo logo nos primeiros contatos do pesquisador com o grupo estudado, visto que esta questão sofre a interferência de inúmeros fatores, dependendo da postura do grupo (o qual pode ser mais ou menos acessível) e relativa também à postura do investigador (que pode dispor de maior ou menor facilidade, artifícios e estratégias para tornar esta aproximação possível).

A experiência de Wacquant (2002) descrita nos primeiros diários de campo como “frustrantes”, quanto às dificuldades de adaptação, não seriam as mesmas, se o autor já tivesse praticado a “nobre arte” em experiências anteriores. Uma vez que isso lhe atribuiria um *habitus* motor, mesmo que mínimo, o qual poderia contribuir para que seu processo de aproximação ocorresse de forma mais rápida. Não obstante, estas dificuldades enfrentadas (distanciamento), possibilitaram-no olhar para singularidades que talvez passassem despercebidas por um pesquisador praticante de boxe (envolvido).

Pode-se acrescentar neste exemplo outro tipo de pesquisador, o qual é desprovido de qualquer *habitus* motor da modalidade, mas dotado de um carisma que o permitiria engajar-se com facilidade naquele grupo social. Geertz (2003: 182-188) recupera o conceito de carisma de Weber (2009), atribuindo-lhe uma noção menos racionalista e de dominação. Geertz (2003) intenta demonstrar que na vida social os agentes dotados de tal característica, têm a possibilidade de colocarem-se em situações de destaque, mesmo quando não possuem grandes artifícios. Este carisma atribui-lhe certo *status* ou poder simbólico³ dentro das relações, que lhe possibilitará

³ O poder simbólico é um conceito descrito por Bourdieu (1998: 7-8) para expressar as relações de poder existentes entre os agentes sociais e, entre agentes e estruturas sociais, é definido como um “poder invisível

adentrar ou manter-se em locais que normalmente não o aceitariam, conselho este muito valioso para o etnógrafo.

Da mesma forma que verifica-se a existência de lógicas próprias que regulamentam a convivência em cada campo de observação, também deve-se levar em conta que existem singularidades relativas a cada pesquisador, as quais podem ser percebidas a partir das suas características primárias, revelando o pesquisador “desbravador” do desconhecido, o pesquisador “de casa” ou o pesquisador “carismático”.⁴ Destarte, como nosso objetivo não é criar uma tipologia de pesquisadores, para este momento os exemplos acima são suficientes para demonstrar que assim como destacou Geertz (2003), dois etnógrafos pesquisando o mesmo objeto, sob as mesmas condições, poderiam ter interpretações diferentes sobre aquilo que observam.

Nesta mesma linha de argumentação Mainardes (2009: 105) também assevera que para além do tempo de observação no campo da pesquisa, “é importante destacar que o preparo do pesquisador, sua base teórica e sua experiência com o tema investigado são elementos fundamentais para que as observações sejam proveitosas e, principalmente, para a análise dos dados”. Diante disto, é possível afirmar que não se pode estabelecer aprioristicamente uma baliza temporal com o objetivo de atribuir validade ao estudo, pois verificou-se que o tempo no estudo antropológico transcende a baliza cronológica e apresenta uma duração simbólica que interfere e sofre a interferência de inúmeras variáveis que auxiliam no processo de inferência, reflexão e interpretação da realidade.

Deste modo, chega-se à última questão proposta para este artigo, a relação entre o envolvimento e o distanciamento do pesquisador com o seu objeto de estudo, revelando uma fronteira muito sutil da relação estabelecida entre o pesquisador, o campo e o grupo social investigado.

5. Cuidados quanto à aproximação e ao distanciamento

Se podemos identificar um ponto em comum apresentado pelos antropólogos e sociólogos utilizados como referência para a construção deste estudo, é o fato de que na pesquisa etnográfica é necessário estabelecer com vínculos de confiança e respeito com os sujeitos investigados, de forma que estes indivíduos não se sintam constrangidos ou receosos com as ações e presença do pesquisador no ambiente.

O sucesso de uma pesquisa etnográfica depende fundamentalmente do bom relacionamento com os grupos observados, pois como trata-se de uma investigação que se baseia fundamentalmente na observação “participante”, a interação com as pessoas e fatos é imprescindível (Mainardes, 2009).

A importância da construção deste vínculo para o aprofundamento das descobertas empíricas (que fomentaram os debates sobre as categorias teóricas do estudo) foi exposta por Geertz (2008), como pudemos acompanhar quando este autor descreveu a experiência vivenciada por ele e sua esposa em um de seus estudos sobre as “brigas de galo” em uma aldeia balinesa.

Quanto a este processo de envolvimento, Wacquant (2002) chama a atenção para a necessidade do pesquisador entrar em contato não só visual, mas também corporal com as

o qual só pode ser exercido com uma cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

⁴ Quanto aos tipos de pesquisadores apontados, entende-se o pesquisador “desbravador”, como aquele que se propõe a investigar um objeto desconhecido e distante dele, em um *locus* nunca antes frequentado. Tal como a experiência de Wacquant (2002) em um *Gym* da cidade de Chicago. Pode-se compreender o pesquisador “de casa” como alguém que se propõe a problematizar um objeto e em um *locus* que lhe são familiares. Isso não torna sua tarefa mais fácil, pois em meio a toda a familiaridade com o campo ele deverá encontrar os significados de lógicas e práticas, muitas vezes, nunca antes refletidas. Já o pesquisador “carismático” incorporou ao longo de sua trajetória social, disposições de agir que lhe permitem adentrar em um *locus* desconhecido ou pouco acessível, sem grandes dificuldades e até mesmo em certa posição de destaque. Entretanto, esta característica não é unicamente positiva, pois o determinante é a capacidade de construir “descrições densas”.

práticas simbólicas do local pesquisado. Somente deste modo, segundo o autor, seria possível uma imersão completa nos *habitus* locais;

Do mesmo modo como não se poderia compreender o que é uma religião instituída, tal como o catolicismo, sem se estudar em detalhes a estrutura e o funcionamento da organização que a sustenta, no caso, a Igreja Romana, também não se pode elucidar o significado e o enraizamento do boxe na sociedade norte-americana contemporânea - ou pelo menos nas regiões inferiores do espaço social, em que ele escapa de uma extinção periodicamente anunciada como iminente e inevitável - sem se examinar a trama das relações sociais e simbólicas que se tecem no interior e ao redor do salão de treinamento, meio e motor oculto do universo do pugilismo. (Wacquant, 2002: 31)

Ao propor mergulhar na prática corporal do pugilismo em uma situação experimental, Wacquant (2002) almejava romper com os discursos normatizados do campo, os quais independentemente da função de exaltação ou de difamação, contribuíam para uma visão alienada, devido ao olhar distante de um investigador externo ao universo específico. Deste modo, a prática corporal permitir-lhe-ia retratar os boxeadores em seu *habitat natural*, despidos das representações codificadas feitas sobre eles ou construídas por eles próprios.

Ao mergulhar na realidade de um gueto norte-americano da cidade de Chicago, Wacquant (2002) descreve a partir de seus diários de campo, o "apaixonante" processo de envolvimento com os agentes e espaço social ao qual adentrou. Nesse caso, a apreensão inicial com relação à difícil recepção, que devido a sua inabilidade no esporte poderia impedi-lo de ganhar algum capital simbólico perante o grupo é desmistificada, ao ponto de que o sociólogo-pugilista, após vivenciar um começo difícil no decorrer de suas experiências encontra-se em uma encruzilhada entre o ser sociólogo e o ser lutador de boxe:

(...) a perspectiva de migrar para Harvard, de apresentar um *paper* à ASA [congresso anual da American Sociological Association], de escrever artigos, ler livros, assistir a conferências e o *tutti frutti* universitário, acho tudo isso sem o menor sentido, deprimente, de tal forma morno (morto) em relação à alegria carnal pura e viva que me oferece o diabo desse gym (é preciso ver as cenas de disputa dignas de Pagnol entre DeeDee e Curtis!), que eu queria largar tudo, *drop out*, para ficar em Chicago. É verdadeiramente *crazy*. PB [Pierre Bourdieu], outro dia, me dizia que ele tinha medo de que eu me 'deixasse seduzir por meu objeto', mas se ele soubesse: já estou bem para lá da sedução! (Wacquant, 2002: 20)

Vale ressaltar que a intenção de tal exemplificação, não tem a menção de estabelecer críticas à postura de Wacquant (2002), pelo contrário, através da citação acima e das demais notas etnográficas apresentadas, verifica-se o envolvimento do estudioso. Entretanto, nota-se que há por parte do pesquisador uma auto-consciência sobre a sua posição dentro do campo. O processo de permanência no campo é sempre muito perigoso, principalmente quando o pesquisador não é capaz de perceber a sua postura dentro da estrutura. No caso apresentado, Pierre Bourdieu (orientador de Wacquant), assumiu o papel de "arrastá-lo" para fora da zona de risco.

A indicação é a de que ao adentrar no campo social de investigação o pesquisador policie-se, para não ultrapassar a fronteira tênue entre a aproximação excessiva e o distanciamento infrutuoso. Neste contexto, a constante reflexão sobre os diversos instrumentos metodológicos utilizados pelo pesquisador na construção dos conceitos e categorias teóricas, exige de quem os utiliza uma constante vigilância. Bourdieu e Wacquant (2005) alertam que quanto a este risco:

Cada vez que tratamos con la cultura, el arte, o la ciencia, por no hablar de la filosofía y la sociología, mayor es la necesidad de ejercer la vigilância reflexiva: objetos de interés directo para pensadores y científicos, objetos que los absorben profundamente. Es especialmente necesario, e nestos casos, romper con las representaciones espontáneas vigentes en el mundo intelectual. (Bourdieu e Wacquant, 2005: 139)

Ao adentrar em um grupo social o etnógrafo estabelecerá alguns contatos iniciais. Estes indivíduos por sua vez podem apresentá-lo a outros membros do grupo. Normalmente é assim que o pesquisador inicia a construção de seus primeiros mapas locais, realizando as primeiras

observações e com o decorrer da investigação. Boumard (1999), chama a atenção para o fato de neste momento o olhar pode contemplar toda a estrutura (visão superficial) ou encontrar-se alienado por estar vendo somente pela perspectiva de apenas alguns nativos.

Angrosino (2009: 50) também alerta para este cuidado, ao descrever que a associação com personagens emblemáticos, pode limitar as possibilidades de conhecer o grupo social por outras perspectivas. “Não se deixe ‘captar’ pelas primeiras pessoas que fizerem você se sentir bem acolhido. Nada é mais natural do que sentir alívio quando alguém – qualquer pessoa! – fala com você e parece se interessar por seu trabalho”.

Esta questão deve ser tratada com bastante cuidado pelo etnógrafo, visto que, durante o desenvolvimento de seu estudo o distanciamento ou a aproximação com alguns indivíduos no campo variará, de acordo com o aumento ou diminuição das pressões sociais e mentais dos grupos e indivíduos (Elias, 1998a).

Para Elias (1998a), sempre que buscamos dizer algo partindo da perspectiva do outro, nosso olhar encontra-se alienado ou envolvido. O grande desafio do pesquisador é encontrar o ponto de equilíbrio entre estas duas variáveis interdependentes, de forma que a descrição seja densa mas não comprometida, seja pela superficialidade (distanciamento) ou pela visão idílica (envolvimento). Romper barreiras, cruzar a linha entre a invisibilidade e o pertencimento, requer do pesquisador disposição, ética, comprometimento e disciplina epistemológica quanto às incursões no campo.

6. Considerações finais

Um estudo de caráter etnográfico contempla em seu desenvolvimento, tanto pressupostos metodológicos quanto epistemológicos, os quais devem ser refletidos e compreendidos pelo pesquisador, a fim de justificar suas posições e opções teórico-metodológicas. Para tanto, torna-se fundamental considerar as questões levantadas, sobre as categorias “descrição densa”, “tempo” e “envolvimento”, discutidas no presente artigo. Uma vez que não basta uma única descrição densa, ou então uma descrição densa tendenciosa, tampouco três ou quatro anos *in loco* sem o envolvimento necessário para construção de descrições profícuas.

Os caminhos para superar estas questões não são fáceis. Neste estudo foi encontrada uma necessidade do pesquisador olhar para o objeto analisado, de modo que se torne possível “ir além do que se vê” ou “ler além do que está escrito”. Destarte, é essencial o autoconhecimento por parte do investigador, para traçar o melhor plano de ação, considerando o problema de pesquisa, o perfil do grupo investigado e sua postura durante o tempo de permanência no campo. Trata-se de contemplar em uma descrição densa os detalhes, os contextos, as emoções, as singularidades, as regras estabelecidas socialmente, os ritos, os acontecimentos chaves para o pesquisador, elementos estes que simbolizam e estruturam as relações sociais no *locus* estudado.

A partir deste levantamento é possível afirmar que trabalhar com a etnografia assemelha-se a construção de um mosaico, o qual inicialmente não apresenta muito sentido, mas medida que vai sendo montado vai ganhando forma e beleza. No entanto, a pesquisa etnográfica trata da relação de pessoas e/ou grupos dinâmicos, não sendo possível realizar determinismo apriorísticos, fato este que gera ao pesquisador a necessidade constante de vigilância, para que a descrição densa não caia na superficialidade das análises mecânicas, nas quais o tempo normalmente torna-se uma dimensão espacial, que serve como justificativa para validar o estudo a partir do emprego de um grande período de convivência entre o pesquisador e o grupo investigado.

Como vimos, muitas vezes independentemente da quantidade de horas junto ao grupo analisado o pesquisador não consegue superar o estranhamento, enquanto que em outros casos isto é conseguido com grande rapidez. Logo, o tempo é um elemento significativo, mas que precisa ser visto como uma variável. É a partir desta categoria que o pesquisador poderá relatar os fatos para além das aparências, possibilitando-o realizar uma descrição densa, a qual deve ser detalhada, porém a mais objetiva possível. Logo verifica-se que as variáveis tempo, descrição densa e envolvimento são fatores interdependentes e determinantes para a quem opta em realizar a pesquisa etnográfica.

7. Referências bibliográficas

ALVARADO, José Gerardo; IÑIGUEZ-RUEDA, Lupicínio (2009) "A etnografia como uma perspectiva em Ciências Sociais: uma revisão de literatura". *Revista Psico* Nº 1, p. 7-16.

ANGROSINO, Michael (2009) *Etnografia e observação participante*. Brasil: Artmet.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da (2006) *Antropologia e imagem*. Brasil: Jorge Zahar.

BOUMARD, Patrick (1999) "O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas". *Revista de Psicologia Social e Institucional* Nº 2, p. 1-6.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc (2005) *Una invitación a la sociología reflexiva*. Argentina: Editores Argentina S.A.

_____ (1998 [1989]) *O poder simbólico*. Brasil: Bertrand.

DAMATTA, Roberto (1987) *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Brasil: Rocco.

ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael (1998a [1983]) *Envolvimento e alienação*. Brasil: Jorge Zahar.

_____ (1998b [1984]) *Sobre o tempo*. Brasil: Jorge Zahar.

GEERTZ, Clifford (2003 [1983]) *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Brasil: Vozes.

_____ (2008 [1973]) *A interpretação das culturas*. Brasil: LTC.

_____ (2010 [1988]) *El antropólogo como autor*. Espanha: Paidós.

GIL, Antônio Carlos (2002 [1987]) *Como elaborar projetos de pesquisa*. Brasil: Atlas.

_____ (2008 [1999]) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Brasil: Atlas.

KUHN, Thomas Samuel (2011 [1962]) *A estrutura das revoluções científicas*. Brasil: Perspectiva.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (2002) "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Nº 49, p. 11-29.

MAINARDES, J. (2009) "Pesquisa etnográfica: elementos essenciais" em: *Pesquisa social: reflexões teóricas e metodológicas*. Brasil: Toda Palavra.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper (1978 [1922]) *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia*. Brasil: Abril Cultural.

NAKAMURA, Eunice (2011) "O Método Etnográfico em Pesquisas na Área da Saúde: uma reflexão antropológica". *Revista Saúde e Sociedade* Nº 1, p. 95-103.

OLIVA, Afonso Carvalho de (2014) "O USO DA ETNOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA A PESQUISA CIENTÍFICA NO DIREITO: UMA POSSIBILIDADE PARA O FUTURO DA PRODUÇÃO JURÍDICO-CIENTÍFICA BRASILEIRA". *Revista do Curso de Direito* Nº 1, p. 1-11.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de; DAOLIO, Jocimar (2007) "Pesquisa Etnográfica em Educação Física: uma (re)leitura possível". *Revista brasileira de Ciência do Movimento* Nº 1, p. 137-143.

RYLE, Gilbert (2009 [1971]) *Collected Essays 1929-1968: Collected Papers*. Volume 2. Inglaterra: Routledge.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de (2014) “Uma questão de método: origens, limites e possibilidades da etnografia para a psicologia social”. *Psicologia USP* N° 3, p. 307-316

URIARTE, Urpi Montoya (2012) “O que é fazer etnografia para os antropólogos”. *Ponto Urbe Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP* N° 11, p. 1-13.

WACQUANT, Loïc (2001 [2002]) *Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Brasil: Relume Dumará.

WEBER, Max (2009 [1922]) *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensível*. Brasil: Editora da UnB.

Autores.

Miguel Archanjo de Freitas Junior.

Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil.

Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná e Mestre em Ciências Sociais.

E-mail: mfreitasjr@uepg.br

Edilson de Oliveira.

Departamento de Educação Física e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil.

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

E-mail: edoliveira@uepg.br

Bruno José Gabriel.

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil.

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

E-mail: brunogabriel_uepg@hotmail.com

Citado.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo; OLIVEIRA, Edison e GABRIEL, Bruno José (2019). “Questões sobre o método etnográfico: um convite para reflexões”. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social - ReLMIS*. N°17. Año 9. Abril - Septiembre 2019. Argentina. Estudios Sociológicos Editora. ISSN 1853-6190. Pp. 7-19. Disponible en: <http://www.relmis.com.ar/ojs/index.php/relmis/article/view/234>

Plazos.

Recibido: 03/11/2017. Aceptado: 05/04/2018.